



**SEM LIBERDADE
NÃO HÁ INFORMAÇÃO.**

Campanha Nacional em Defesa
da Liberdade de Imprensa

VIOLÊNCIA E LIBERDADE DE IMPRENSA NO BRASIL

RELATÓRIO FENAJ
2011

FENAJ

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS



Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ - Comissão Nacional de Direitos Humanos
SCLRN 704 – Bloco F, Loja 20 - CEP: 70.730-536 Brasília-DF - Fax: (61) 3244.0650/ 3244.0658
E-mail: fenaj@fenaj.org.br - Site: www.fenaj.org.br

Realização:

Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ
Comissão Nacional dos Direitos Humanos e Liberdade de Imprensa

Metodologia
de Pesquisa
Carmem Silva

Roberta Vilanova
Orlando Cardoso
Daely Cunha

Brasília – Brasil
Julho 2012

Pesquisa, Edição e Texto
Sheila Faro

Editoração
Waldemir Silva

Sumário

Relato de Casos

1. Agressões Físicas e Verbais
2. Ameaças
3. Assassinatos
4. Atentados
5. Censura e processo Judiciais
6. Detenção e tortura
7. Violência contra a organização sindical

Conclusão
Diretoria da FENAJ

Em que pese o estado de direito que o povo brasileiro conquistou e garante desde a democratização do país, os jornalistas assistem, preocupados, ao aumento da violência contra a profissão e o jornalismo.

Num aparente paradoxo entre consolidação das liberdades democráticas e da liberdade de expressão e o aumento de mortes de jornalistas, a sociedade brasileira assiste ao imobilismo de autoridades por um lado e absolutas impunidades de criminosos por outro.

A profissão de jornalista vem sofrendo crescentes ataques nestes últimos anos. Da retirada do diploma em curso superior específico de Jornalismo como forma de acesso à profissão, passando pela interdição à possibilidade dos profissionais se organizarem em um conselho, a exemplo de advogados e médicos entre outros tantos profissionais, até a violência extrema com o preocupante aumento de assassinatos e agressões físicas. Da violência sutil à violência máxima, as razões são as mesmas: calar o profissional que tem como dever a mediação da fala da sociedade.

Não há dúvida que a morte de trabalhadores em atividade de seu ofício deve ser lamentada, denunciada e evitada. Porém, a morte de jornalistas revela um sintoma que não pode ser ignorado. Os autores dos crimes, por quererem calar aquele que por ofício denuncia, revela e exige justiça, quase sempre representam o surgimento de um estado dentro do Estado. Uma espécie de para-estado que, à revelia da lei e da justiça, julga e justifica aqueles que incomodam seus interesses. A morte de jornalista é o início da morte do estado de direito.

Por isso, o Estado brasileiro não pode ignorar o aumento de assassinatos de jornalistas. O parlamento deve garantir, com uma lei de federalização das investigações de assassinatos de jornalistas, o fim da impunidade, razão maior de crescimento da violência. O Executivo deve garantir a segurança e a vida destes profissionais. Políticas públicas são urgentes para isso, como, por exemplo, um observatório nacional que acompanhe desde as ameaças até os julgamentos dos criminosos. O Judiciário deve ser célere e efetivo nos julgamentos.

Mas também aqueles que usam o trabalho dos jornalistas devem ser responsáveis. A FE-NAJ está propondo às empresas brasileiras um protocolo nacional, no qual critérios mínimos de segurança sejam assegurados àqueles que precisarem trabalhar em situação de risco. Desde coletes adequados e treinamento mínimo até seguros de vida e cláusulas de consciência devem estar incluídos neste protocolo. Também precisa prever que o jornalista e uma comissão de segurança possam avaliar efetivamente a possibilidade e pertinência da cobertura. Ou seja, a vida do jornalista é um bem que não pode ser disponível.

Este relatório anual, muito mais do que fazer uma dolorosa contabilidade de mortes e agressões, deve ser um alerta e um estímulo para que todos, jornalistas, governo, empresários e sociedade em geral, revertam esta tendência assustadora. E também instalem uma cultura de segurança no qual políticas públicas, protocolos trabalhistas e a vigilância da sociedade atuem como elementos de inibição da violência.

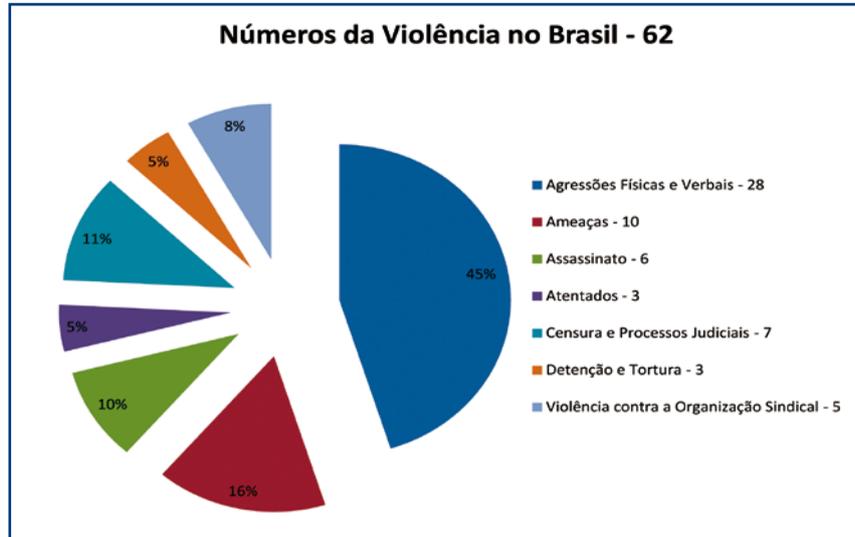
Celso Augusto Schröder
Presidente da Fenaj

Os números da violência no Brasil

Em 2011, foram registrados ao todo 60 casos de violência praticados contra jornalistas em todo o Brasil.

No ano passado, em todo o Brasil, as agressões físicas e verbais continuaram a ser a principal forma de intimidação de jornalistas em todo o Brasil, com 45% do total de ocorrências de violência contra a categoria, revelando a dificuldade que ainda existe no País das autoridades e da própria sociedade em conviver com a liberdade de informação, a crítica e o debate democrático e respeitoso. Em 2010, as agressões físicas e verbais foram 42% dos casos.

Pelo mesmo motivo, as ameaças representaram 17% dos números da violência contra os jornalistas no ano



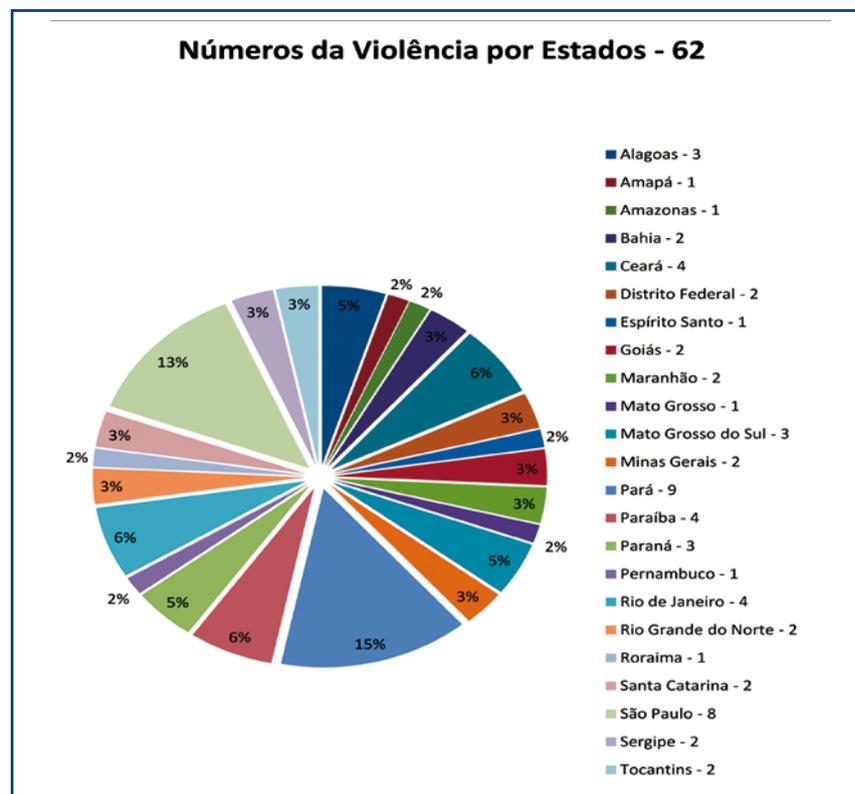
passado, número ainda maior que os 12% registrados no ano anterior. Os casos de censura e os processos judiciais contra jornalistas caíram de

18% para 12% no total dos registros, enquanto que a participação dos assassinatos saltou de 2% para 8% de um ano para o outro.

Os números da violência por estado

Na distribuição dos casos de violência por estado, vemos que os jornalistas são atingidos indistintamente, em regiões consideradas mais desenvolvidas, como São Paulo, onde aconteceram oito casos, e naquelas mais distantes do poder central, como o Pará, que em 2011 foi o campeão em casos de violência contra jornalistas, com nove casos. Em terceiro, empatadas estão os estados do Ceará e do Rio de Janeiro, com quatro casos, e em quarto, todos com três casos, Alagoas e Paraná.

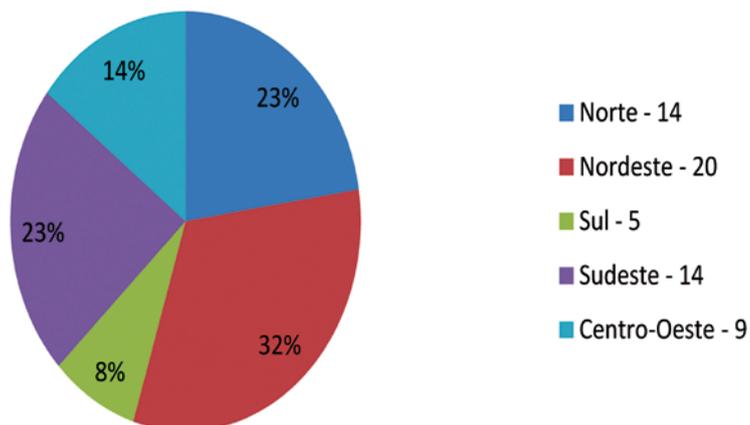
No ano anterior, em 2010, o Ceará liderou a estatística, com oito casos, seguido por São Paulo, com seis.



Os números da violência por região

Na distribuição dos casos de violência contra jornalistas por região, vemos que a situação continua grave no Nordeste e no Sudeste. A primeira teve 17 casos em 2010 e 20 em 2011. A segunda saltou de nove casos no ano anterior para 14 em 2011. A situação também piorou muito no Norte, que passou de quatro casos para 14, garantindo um triste segundo lugar para a Amazônia em registros de violência contra jornalistas em 2011. Em terceiro lugar ficou o Centro-Oeste, com nove casos e 12% do total de registros. A região Sul teve cinco registros de violência contra jornalistas.

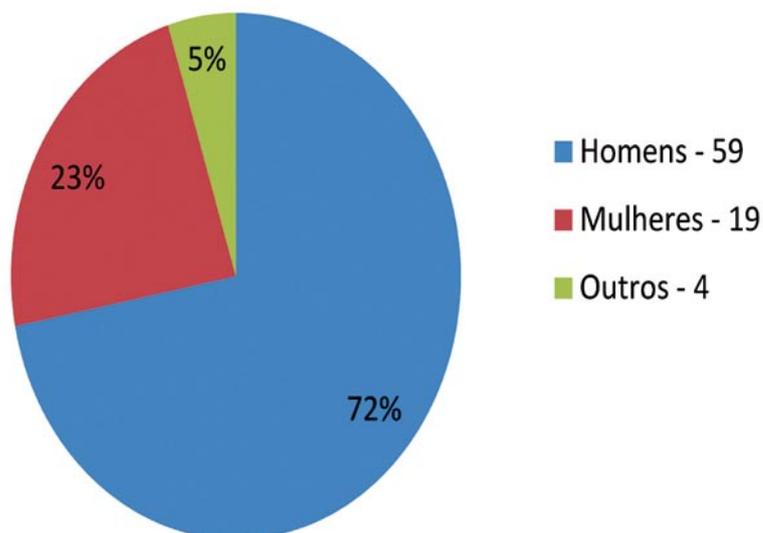
Números da Violência por Regiões - 62



Os números da violência por gênero

Os números da violência contra jornalistas divididos por gênero mostram que os homens continuam mais expostos, com 57 casos, ou 72% do total, em 2011. Da mesma forma, em 2010, os homens sofreram 71% dos casos de agressões. As mulheres sofreram 19 casos de agressões no ano passado e em quatro casos denunciados, o gênero não foi especificado. Um caso de violência verbal contra mulher jornalista vem do Pará: Michelle Muniz e Aline Saavedra sofreram discriminação ao atuarem uma área tipicamente masculina, o futebol, como assessoras de imprensa do Clube do Remo.

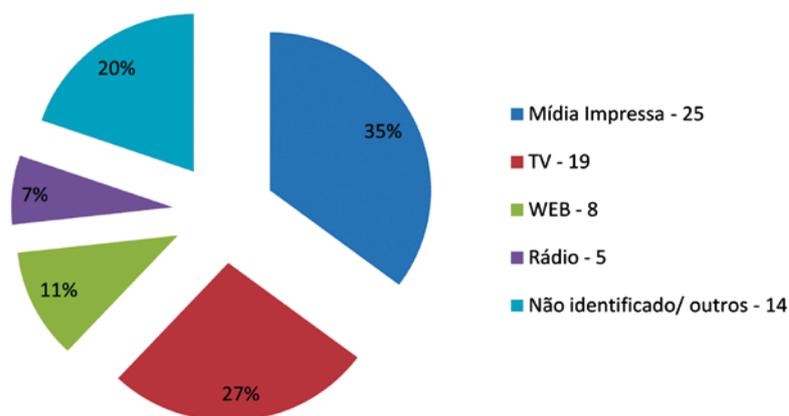
Vítimas por Gênero - 82



Os números da violência por tipo de mídia

Aqui vemos que a mídia impressa ainda lidera os casos de violência contra jornalistas, porém, em proporção menor na comparação com 2010. No ano passado, foram 24 casos relacionados à mídia impressa, ou 35%; 19 casos relacionados à televisão, ou 28%; sete de internet (10%) e cinco de rádio (7%). No ano anterior, a mídia impressa teve 41% dos casos e as televisões, 18%; rádios, 13% e a internet, 11%.

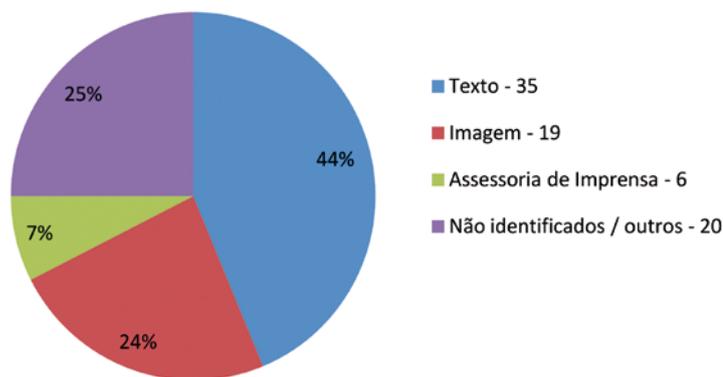
Números da Violência por tipo de mídia - 71



Os números de violência por área de atuação

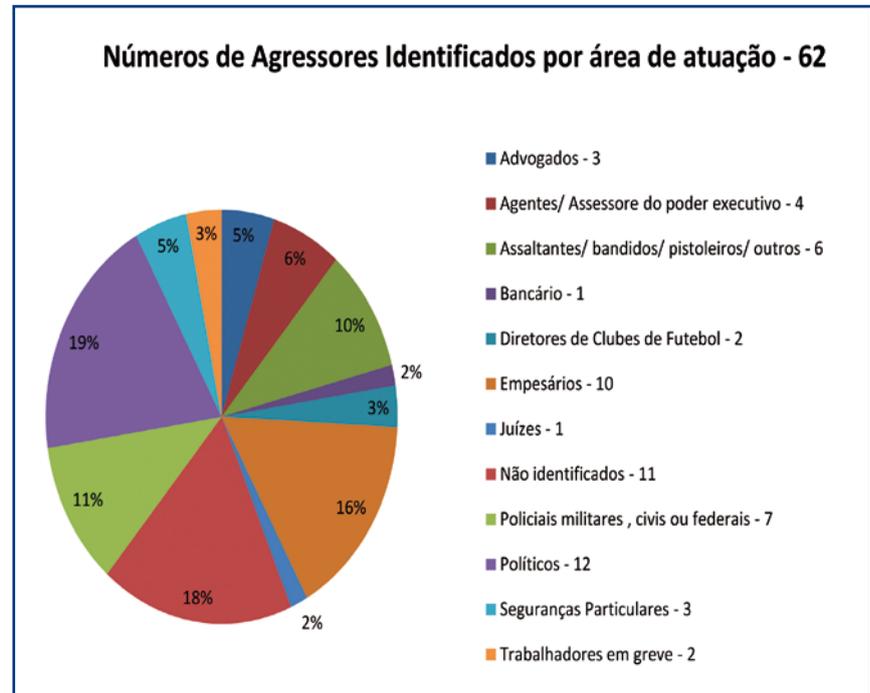
A violência por área de atuação reproduz os tipos de mídia que mais provocam agressões físicas ou verbais a jornalistas. Dessa forma, 42% dos casos atingiram profissionais de texto, ou 33 casos; 24% os profissionais de imagem, ou 19 casos; 8% os trabalhadores em assessorias de imprensa. Em 26% dos casos, ou em 20 ocorrências, a área de atuação não foi identificada.

Números da Violência por área de atuação - 80



Os números de agressores por área de atuação

Na hora de identificar os autores de violência física ou verbal contra jornalistas, vemos que a situação de intolerância é igualmente grave quando vem de empresários contrariados por notícias desagradáveis ou políticos, quanto por pessoas marginalizadas ou mesmo de agentes públicos, sejam ou não da área de segurança. Dessa forma, os políticos são responsáveis por 20% dos casos de agressões cometidas no ano passado, ou 12 casos. Em segundo lugar estão os agressores não identificados, com 18 %, ou 11 casos; em terceiro, estão os empresários que respondem por 17% dos casos, enquanto



com 12%, ou sete casos, vêm os policiais militares, civis ou federais, cuja proporção de agressões

chega muito perto ao número de agressões cometidas por assaltantes/ bandidos/ pistoleiros/ outros.

Os temas que teriam motivado a violência

Nada justifica a violência contra profissionais que exercem sua profissão de informar ao público. Por mais que alguns temas sejam mais explosivos que outros, grande parte das agressões é injustificada e sua razão sequer pode ser identificada. É o que acontece em 23% dos casos. Outros temas que motivaram agressões são denúncias contra políticos ou contra a administração pública.



1- AGRESSÕES FÍSICAS E VERBAIS

CEARÁ

Silvia Carla

Fortaleza - 21 de março de 2011

A jornalista Sílvia Carla, assessora de comunicação do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Estadual do Ceará (Mova-se), ficou uma hora e meia detida por seguranças do Hospital Geral de Fortaleza (HGF), depois de fazer imagens da superlotação do setor de emergência daquele hospital.

Larissa Macedo, Francisco Maxwell e Fernando Apolo

Fortaleza - 31 de março de 2011

A jornalista Larissa Macedo, o repórter cinematográfico Fernando Apolo e o auxiliar Francisco Maxwell, da TV Ceará (TVC), foram vítimas de violência quando faziam a cobertura da greve dos trabalhadores da construção civil, em um canteiro de obras na Avenida Beira-Mar, em Fortaleza. No episódio, Maxwell foi agredido fisicamente, o tripé da câmera danificado e o repórter cinematográfico perdeu os óculos.

Eberval Carton

Fortaleza - 19 de abril de 2011

Dezenove dias depois, mais um caso de violência: desta vez contra o auxiliar técnico da TV Jangadeiro, Eberval Carton, agredido por trabalhadores quando participava da cobertura das manifestações da greve dos trabalhadores da construção civil, num piquete na Praça Portugal, em Fortaleza. Segundo testemunhas, ele entregava uma fita para o motoqueiro da emissora, quando foi surpreendido por manifestantes com tapas nas costas.

Viviane Pinheiro

Fortaleza - 18 de Outubro de 2011

A repórter fotográfica Viviane Pinheiro, do Diário do Nordeste, jornal de maior circulação do Ceará, foi agredida

pelo superintendente financeiro do Banco do Nordeste (BNB), João Francisco Freitas Peixoto, quando ele tentava entrar no banco durante a greve dos bancários. Ao tentar impedir que Viviane registrasse a investida frustrada contra o bloqueio dos grevistas, Peixoto empurrou a máquina da profissional, machucando o rosto dela. Viviane foi defendida pelos próprios sindicalistas. À Redação do jornal, o superintendente declarou que “a intenção não foi de agredir ninguém, nem cercear o trabalho da repórter fotográfica”. “Bati na máquina para afastar. Se eu soubesse que era repórter, jamais impediria o trabalho”, reproduziu o Diário na edição do dia 19 de outubro.

Medidas tomadas

Em todos os casos, o Sindjorce e a FENAJ repudiaram os atos de violência, solidarizaram-se com as vítimas e cobraram providências às autoridades no sentido de punir os agressores e, das empresas, garantias de condições mínimas de segurança e dignidade para o pleno exercício profissional.

MARANHÃO

Biaman Prado

São Luís – dezembro

O repórter fotográfico do jornal “O Estado do Maranhão”, Biaman Prado foi agredido por policiais militares que estavam em greve e ocupavam a Assembleia Legislativa do Maranhão. Prado foi agarrado e retirado à força das dependências da Assembleia pelos manifestantes. Na noite anterior, uma equipe da TV Mirante também havia sido impedida de entrar no prédio para registrar a movimentação e teve de sair às pressas, sob ameaça dos militares.

MATO GROSSO DO SUL

Débora Louise

Porto Murtinho – 31 de janeiro

A jornalista Débora Louise, assessora de imprensa da Prefeitura de Porto Murtinho e radialista da emissora Guaicurus foi ofendida verbalmente pelo vereador e radialista Edicarlos Lourenço, em seu programa de rádio matinal pela FM 99,9 Alto Paraguay, emissora localizada na cidade de Carmelo Peralta (PY) na divisa com Porto Murtinho (MS). Apesar de não citar o nome de Débora, era possível saber que os ataques eram direcionados a assessora de imprensa, pois dava todas as suas características.

A jornalista Débora Louise registrou boletim de ocorrência no dia 3 de fevereiro contra o radialista Edicarlos. Conforme o registro, em seu programa do dia 31 de janeiro, Edicarlos injuriou a vítima dizendo que era “sapatão sem vergonha, que usa entorpecentes e que pega as meninas na calada da noite”, além de outras injúrias que a vítima gravou em CD, o qual foi anexado no Boletim de Ocorrência. Resaltou, ainda que as ofensas vinham ocorrendo desde o dia 21 de janeiro de 2011.

MINAS GERAIS

Márcio Cavalli

Paracatu – 30 de maio

As vésperas do Dia da Liberdade de Imprensa, comemorado em 1º de junho, o jornalista Márcio Cavalli, do Jornal Dinâmico, foi vítima do despreparo de políticos que não sabem conviver com críticas. Márcio foi difamado, envergonhado e humilhado durante a sessão da Câmara de Vereadores de Paracatu (MG), no dia 30 de maio, pelo vereador Joãozinho Contador (PSDB).

PARÁ

Michelle Muniz

Belém – novembro

As jornalistas Michelle Muniz foram vítimas de assédio moral e agressão verbal por membros da Diretoria do Clube do Remo, onde atuavam na Assessoria de Comunicação, tendo Michelle como coordenadora.

Michelle relatou ao Sinjor-PA que havia sido convidada pelo presidente do Clube do Remo, mas nem todos os diretores aceitaram a ideia de ter mulheres atuando no relacionamento com a imprensa. Apesar de terem sido contratadas para profissionalizar a comunicação do Remo, as jornalistas foram, diversas vezes, desrespeitadas, humilhadas e hostilizadas por alguns diretores e pelo técnico do Clube, fazendo chacotas, inclusive sobre o fato de serem mulheres.

André França

Belém – 04 de novembro

O jornalista André França, repórter da TV Record foi agredido fisicamente, em pleno exercício profissional, pelo dono da empresa de transporte coletivo Viação Perpétuo Socorro, Américo Barata, quando fazia a cobertura da manifestação dos rodoviários em frente à garagem da empresa.

Jalília Messias

Belém – 25 de agosto

A jornalista Jalília Messias, da TV Liberal, foi agredida pela advogada Ana Maria Leal.

Após a ligação de uma fonte informando que a servidora da Assembleia Legislativa do Pará (Alepa), Daura Hage, denunciada por ter participado de fraudes em licitações na Casa Legislativa e até então afastada do trabalho, estaria de volta a Casa Legislativa, uma equipe de reportagem da TV Liberal foi até o local na tarde de 25 de agosto. A repórter Jalília Messias começou tentou falar com Daura, que manteve-se calada o tempo todo. Então, a equipe decidiu aguardar do lado de fora até que ela

mudasse de ideia e aceitasse conversar com a imprensa. Nessa ocasião, chegaram ao local um assessor da Alepa e policiais, que pediram para que a equipe se retirasse, como se estivesse impedindo a saída de Daura Hage da Biblioteca. Foi então que Ana Maria Leal, uma das advogadas acabou se exaltando e passou a impedir que fossem feitas imagens, e inclusive segurou o microfone da repórter. Jalília garante que não foi agredida fisicamente, mas considera o episódio lamentável, pelo fato da advogada querer impedir o trabalho da imprensa.

PARAÍBA

Joacil Brito e Denise Delmiro

Campina Grande – 2 de janeiro

Os jornalistas Joacil Brito (repórter cinematográfico) e Denise Delmiro (repórter e apresentadora) da TV Paraíba, foram agredidos durante reportagem, no dia 2 de janeiro, nas dependências do Shopping Popular Edson Diniz, no Centro de Campina Grande.

A agressão cometida pelo comerciante Rawalison Rodrigues da Silva, que, de forma injustificada e truculenta, partiu para cima da equipe de reportagem, que apurava denúncias de vendas de boxes do shopping a terceiros, o que não é permitido pela Prefeitura Municipal. A repórter Denise Delmiro foi agredida verbalmente, enquanto o repórter cinematográfico Joacil Brito foi agredido fisicamente, no corpo e na face, e teve ainda seu equipamento de trabalho danificado.

Jamerson Ferreira

São Mamede – 28 de novembro

O jornalista Jamerson Ferreira, repórter da rádio 102 FM de Patos, e o cinegrafista José Luiz Mineiro foram agredidos verbal e fisicamente no dia 28 de novembro por agentes da Prefeitura Municipal, quando faziam reportagem no Matadouro Público de São Mamede, onde constataram a completa ausência de condições sanitárias para a utilização do espaço.

Todo o procedimento da equipe de

reportagem, bem como as agressões, foi registrado em vídeo, não restando dúvidas de que os profissionais tiveram cerceado o direito de liberdade de imprensa.

Renato Diniz, Charles Dias e Damião Tomé

Campina Grande – 30 de novembro

Os jornalistas Renato Diniz (repórter) e Charles Dias e Damião Tomé (repórteres cinematográficos) das TVs Borborema e Paraíba foram agredidos e ameaçados pelo delegado Rodrigo Pinheiro, no dia 30 de novembro.

Os profissionais estavam apurando denúncia de tentativa de estupro da qual a irmã do citado delegado teria sido vítima, envolvendo um jogador de futebol de destaque no Brasil.

Em nenhum momento, os profissionais das emissoras faltaram com respeito a Rodrigo Pinheiro nem a seus familiares. No entanto, a recíproca não existiu, e o delegado abusou, inclusive, de sua autoridade policial para intimidar as equipes de reportagem, fazendo ameaças de perseguição caso as gravações das imagens continuassem.

PARANÁ

Cristiane Fortes

Quatro Barras – 25 de agosto

A jornalista Cristiane Fortes, de Quatro Barras, na Região Metropolitana de Curitiba, conhecida pelo trabalho de denúncia à frente de seu jornal, Metropolitan's Notícias, foi espancada por um assessor da Prefeitura local.

Ela fora à Prefeitura Municipal cobrar explicações sobre uma matéria publicada no jornal Agora Paraná (diário oficial do município), na qual o promotor de Justiça do município criticava duramente o trabalho da jornalista e o trabalho investigativo que ela faz contra autoridades da cidade. Cristiane vislumbrava na publicação, na qual é acusada de parcial e de exercer trabalho jornalístico com viés político, uma orquestração do grupo político que comanda o município e postou como resposta mensagens

de protesto à reportagem no seu perfil no Facebook. Ao chegar à Prefeitura, quis falar com o assessor de Planejamento, Frederico Bernardi. Antes que falasse, Cristiane foi vítima de um soco no rosto desferido pelo assessor. Indo ao chão, a jornalista ainda foi chutada por Bernardi, que precisou ser contido por outros servidores. A jornalista teve de ser atendida em hospital para receber sete pontos de sutura na boca (cinco internos e dois externos) e avaliar uma possível fratura na região do nariz. Após representação na polícia, submeteu-se a exame de corpo de delito no IML de Curitiba.

Luciana Pombo

Pontal do Paraná – fevereiro

A jornalista Luciana Pombo foi prejudicada, retaliada pelo prefeito Rudisney Gimenez, do Pontal do Paraná por escrever em seu blog contra alguns atos da administração municipal. A Luciana foi expulsa de um imóvel que pertence a ele, na rua Baronesa do Cerro Azul, 123, onde ela mantinha um Pet Shop.

Ao Jornal A Verdade, Luciana disse que não fez nada que achasse realmente ofensivo, apenas citou em seu blog problemas que existem dentro da administração municipal, como lixo nos rios da cidade, falta de credibilidade do prefeito junto aos organismos estaduais e despreocupação com o número de animais abandonados no município.

O prefeito não gostou e resolveu fazer a proposta indecorosa de permanência no imóvel desde que eles não entrassem em atrito. Foi uma tentativa de silenciá-la. Ela não aceitou afir-

mando que sua liberdade de imprensa nada tem a ver com sua vida comercial. A agressão imposta à jornalista foi levada pelo filho do prefeito Rudisney. A denúncia foi encaminhada oficialmente por Luciana à Fenaj e ao Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor-PR).

RIO DE JANEIRO

Pablo Klein

Petrópolis – 11 de março

O jornalista Pablo Klein foi agredido pelo vereador Luiz Eduardo Francisco da Silva (Dudu) e mais três seguranças na garagem da sua residência, no bairro Mosela, depois de ter sido ameaçado no Facebook, por um homem ligado politicamente ao vereador. “O vereador me ligou todo simpático dizendo que tinha uma boa notícia para mim. Se eu poderia encontrá-lo no bairro Batailhard. Em seguida se eu poderia encontrá-lo na casa de outro correligionário seu, que mora na mesma rua que eu. Antes que eu entrasse no banho para me arrumar para sair ele me chamou em minha casa”, relatou Pablo.

“Abri a porta e o convidei para entrar. Ele pediu para eu chegar rapidinho na garagem, pois era rápido. Quando me aproximei já me agrediu, com socos, tapas, empurrões e pontapés”.

O jornalista foi socorrido pelos seus pais, que também foram ofendidos. Segundo Pablo, em suas roupas ainda

estão as marcas do calçado do agressor que, a todo momento, gritava que iria lhe matar.

Eles só foram embora depois que a sua mãe anunciou que a Polícia Militar estava chegando. Após esse anúncio eles foram embora no veículo Hyundai/ Azera – Placa LLB 3469.

Após atendimento médico no HMN-SE, a agressão e as ameaças foram registradas na 105ª DP, no bairro Retiro. O exame de Corpo Delito foi feito no IML, em Corrêas.

A confusão começou quando Pablo viu uma postagem de Mauricio Borges, em um grupo fechado no Facebook, que informava sobre a desaprovação das contas da campanha do Dudu e consecutivamente que o TSE iria excluir das eleições deste ano quem tivesse as contas desaprovadas. No texto aparecia a informação “949 processos”. Abaixo do “post” do Borges Pablo apenas perguntou se eram 949 processos e o vereador não gostou.

No dia 28 de março, uma comissão do Sindicato dos Jornalistas Estado do Rio de Janeiro se reuniu com o presidente da Câmara Municipal de Petrópolis, Paulo Igor, e o vereador Márcio Muniz, presidente da Comissão de Ética da Casa Legislativa. Os representantes sindicais afirmaram que a agressão a Pablo Klein não deve ser vista como um caso isolado e, sim, como mais uma tentativa de inibir o trabalho dos

Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro), dando entrevista a, na sede da Câmara dos Vereadores, sobre agressão sofrida pelo jornalista Paulo Klein



profissionais de Imprensa no Brasil, constituindo-se em atentado contra a liberdade de expressão.

Os dois vereadores se comprometeram em analisar o caso, com base no Código de Ética da Câmara Municipal, que determina um prazo máximo de 60 dias para dar parecer sobre a representação formulada pelo Sindicato.

Santiago Monteiro

Arraial do Cabo – 03 de fevereiro

Um homem não identificado agrediu com socos e pontapés o jornalista Santiago Monteiro, fotógrafo e proprietário da Tribuna dos Municípios.

RIO GRANDE DO NORTE

Rafael Duarte e Ney Douglas

Natal – Janeiro

O ex-diretor do Instituto de Pesos e Medidas do RN, Augusto Caldas Targino, manteve em cárcere privado por 13 minutos, ameaçou de morte e agrediu verbalmente equipe do Novo Jornal, formada pelos jornalistas Rafael Duarte e Ney Douglas, que produzia uma reportagem sobre a granja que o deputado federal João Maia disse que tentou comprar com o cheque de R\$ 700 mil assinado por ele e apreendido pela Polícia Federal.

Mano Targino, como é conhecido o agressor, acusou a reportagem, mesmo sem estar presente na propriedade, de invadir a granja que pertence a ele, no município de Macaíba. Em momento algum, no entanto, a equipe do Novo Jornal sequer chegou perto do terreno de Targino, que, após lavrado o Boletim de Ocorrência, responderia a um inquérito criminal por injúria, ameaça de morte e cárcere privado. Após 13 minutos de ameaças e trancados sem poder deixar o local, Mano Targino decidiu abrir a porta. Nervoso, não conseguiu acertar a chave e foi auxiliado pelo 'primo'. A reportagem deixou o local e foi direto para a 3ª DP, localizada no Alecrim, registrar o BO.

SANTA CATARINA

Francis Silvy e Márcio Ramos

Indaial – 6 de janeiro

No dia 6 de janeiro, o repórter Francis Silvy, o repórter cinematográfico Marcio Ramos e o motorista auxiliar Andrei Luís, profissionais da RBS TV, foram acudados, mantidos em cárcere privado, ameaçados e agredidos por dois proprietários do Shopping Vitória Régia, de Indaial, enquanto faziam uma reportagem investigativa sobre ilícitos praticados na região e que estão sendo alvo de ação do Ministério Público Estadual. A equipe pretendia ouvir um empresário, dono de um shopping atacadista, acusado pelo Ministério Público Federal de formação de cartel.

Paulo Caetano

Joinville – 2 de março

No dia 2 de março, o repórter fotográfico Paulo Caetano, do jornal A Gazeta de Joinville foi agredido por Sidney Martins Carlos, o Sid, proprietário da empresa Guincho Truck Auto Socorro Ltda., concessionária da Companhia de Desenvolvimento e Urbanização de Joinville (Conurb). A Guincho Truck, é a empresa responsável pela remoção dos veículos apreendidos pela Conurb.

A equipe de reportagem da Gazeta, foi até a empresa concessionária para apurar uma denúncia feita pela dona de casa, Rosemar Vallim, 51 anos, que teve seu veículo danificado pela empresa de Sidney.

Após inúmeras tentativas da equipe para ouvir o proprietário da Guincho Truck Auto Socorro Ltda, o fotógrafo Paulo Caetano resolveu fotografar a fachada da empresa, quando inexplicavelmente começou a ser espancado por Sidney Martin.

Ensandecido e com uma covardia sem precedentes, Sidney desferiu socos e pontapés no fotógrafo.

Atrás dele, funcionários da Guincho Truck Auto Socorro Ltda, armados com chaves de fendas, martelos, barras de ferro e até um machado, davam guarida

da a Sidney enquanto ele agredia Paulo Caetano. O repórter fotográfico teve escoriações no braço e cabeça, vestes rasgadas e seu equipamento de trabalho quebrado pela ação criminosa de Sidney. Na sequência, nem mesmo a segurança oferecida por seus funcionários conseguiu manter Sidney no local. Depois das agressões, ele rapidamente entrou em seu carro e fugiu deixando para trás um lamentável episódio contra a liberdade de expressão. Em sua desabalada fuga, Sidney ainda atentou contra a vida do repórter fotográfico, jogando seu carro contra ele.

A Fenaj condenou a covarde agressão ao fotógrafo, ressaltando que a covardia sofrida pelo jornalista, merecia uma atenção especial das autoridades policiais.

SÃO PAULO

Rejane Cristina de Carlos Caputo

Bebedouro – 22 de junho

No dia 22 de junho, durante a inauguração da creche do Jardim Alvorada, o vereador Rodrigo da Silva agrediu a diretora de O Jornal, Rejane Cristina de Carlos Caputo, que fazia cobertura do evento. Ele empurrou a jornalista que só não caiu porque apoiou nas pessoas. O vereador disse que aquilo não era nada, que agressão mesmo ela iria ver, que ele ia acabar com ela, que não sobriaria nada de dela. Rejane disse que, ao contrário dos outros jornalistas que ficaram quietos, ela iria à Polícia denunciar a agressão. Aí ele deu um empurrão maior e partiu para cima da jornalista.

Segundo Rejane, "só não apanhei covardemente de um cara muito maior que eu e faixa-preta em artes marciais, porque o vereador Tota gritou com ele e o impediu, juntamente com o vereador Carlinhos Pica-Pau e o diretor de saúde Fernando Piffer que o contiveram".

A agressão do vereador foi presenciada por várias pessoas, entre elas vereadores e políticos presentes à inauguração. A diretora de "O Jornal", Rejane Caputo, registrou boletim de

ocorrência e como sentia fortes dores no tornozelo, procurou o plantão do Hospital Unimed para atendimento.

Denny Cesare

Paulínia – 31 de outubro

O jornalista Denny Cesare, da Agência Futura Press, denunciou ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo que foi agredido por seguranças no espaço onde seria realizado o evento SWU, em Paulínia.

Ele estava voltando com a esposa e filha de oito meses para a cidade de Sumaré, mas no caminho entrou na cidade de Paulínia, para ver como estavam as barracas e tendas do evento SWU, já que no dia anterior tinha havido um temporal com ventos de 166 km na região e destruído muita coisa.

Como o portão principal estava aberto e não havia ninguém para dar informação ou proibir a entrada, ele entrou e começou a fotografar, já que se tratava de um local público, onde se encontram teatros, prefeitura, área de lazer, etc. Fez fotos dos estragos causados pela chuva e do pessoal trabalhando, em pleno domingo até tarde, montando novamente toda a estrutura para que o evento fosse realizado.

Mas quando estava saindo do local, foi abordado por um homem com sotaque espanhol, perguntando o que estava fazendo ali dentro.

Denny se identificou como repórter fotográfico da Agência Futura Press, da cidade de São Paulo, e disse que estava fazendo umas fotos sobre o local do evento. O homem perguntou quem autorizou e ele respondeu que ninguém, pois não tinha ninguém na entrada, o portão estava aberto e a área é pública. Denny continuou andando em direção à saída seguido pelo homem pedindo para que parasse para conversar.

O homem, então chamou outro segurança, que chegou em um quadriciclo, acelerando para cima do fotógrafo, quase o atropelando e bloqueando de vez o local por onde ele iria sair. Desceu do veículo, deu um tapa forte no ombro

do jornalista e perguntou “o que estava pegando?”.

Denny foi obrigado a apagar as fotos, mesmo assim não conseguia escapar dos dois homens, que insistiam em mandá-lo apagar as fotos, o que ele fez várias vezes. Até que virou as costas para os dois e começou a sair, mas quando estava perto do carro, foi novamente abordado por outro segurança que bloqueou a sua passagem ficando em frente ao carro.

O jornalista disse que estava com sua família dentro do carro e avisou que iria sair com o carro e que seria melhor ele sair da frente. O segurança não se mexeu, mas, enfim, Denny conseguiu sair do local e recorreu ao Sindicato para saber o que poderia ser feito para evitar que isso aconteça com outros profissionais.

Monalisa Perrone

São Paulo – 31 de outubro

A jornalista Monalisa Perrone, da TV Globo, foi vítima de agressão no dia 31 de outubro, quando cobria, ao vivo no Jornal Hoje, a nova internação do ex-presidente Lula. Os agressores são vinculados ao grupo MerdTV.

Seis jornalistas

São Paulo – 21 de maio

Violência desmedida foi empregada pela Polícia Militar paulista e a Guarda Civil Metropolitana (GCM) contra os jornalistas Félix Lima, (Folha da Manhã), Osmar Bustos (Cremesp e correspondente do jornal Página 12 e Toda Notícia, Buenos Aires), Ricardo Galhardo (iG), Márcia Abos (O Globo), Fabio Pagotto e Vinícius Pereira (Diário de S. Paulo) por ocasião da cobertura da “Marcha da Maconha”, ocorrida no dia 21 de maio nas imediações da avenida Paulista, na capital paulista.

O repórter da Folha foi agredido por um policial militar, que o derrubou ao chão com uma rasteira, enquanto guardas da GCM, da Prefeitura de São Paulo, tentavam arrancar-lhe a força o equipamento fotográfico, atitude autoritária

somente vista em regimes de exceção. Já o repórter fotográfico argentino, que trabalhava também no Cremesp, recebeu dois tiros com balas de borracha nas costas. As dores levaram-no para atendimento na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Ele pessoalmente compareceu ao Sindicato dos Jornalistas para relatar a sua indignação e solicitar providências. Os disparos foram efetuados pela Tropa de Choque.

Pagotto, do Diário de São Paulo, teve o pé machucado, ao ser atropelado por uma moto da PM. Seu colega de jornal, o fotógrafo Vinícius Pereira, também foi agredido com spray de pimenta e cacetete. Ricardo Galhardo, do IG, foi atingido por estilhaços de uma bomba de efeito moral e Márcia Abos, de O Globo, foi atingida pelo escudo de um policial.

Guilherme Baffi e André Modesto

São José do Rio Preto – Julho

O jornalista Guilherme Baffi, do Diário da Região, e o jornalista André Modesto, da TV TEM, foram agredidos física e moralmente pela médica Flávia Leite Souza Santos e seus familiares, quando realizavam suas atividades na saída da representação policial onde ocorreu depoimento à apuração da morte da estudante de enfermagem Luana Neves Ribeiro, 21, durante procedimento de doação de

medula óssea, no Hospital de Base em Rio Preto.

RIO GRANDE DO NORTE

AmAmanda Fernandes e Elias Fernandes

Natal – 21 de julho

Na tarde do dia 21 de julho, a equipe da TV Ponta Negra, formada pela repórter Amanda Fernandes e o repórter cinematográfico Elias Fernandes, estava na Delegacia da Mulher cumprindo a pauta sobre possíveis ameaças que a empresária Jane Alves estaria fazendo à Sebastiana Diantas, viúva do advogado Anderson Miguel, assassinado recentemente em seu escritório, em Natal.

Na ocasião, o advogado de Jane Alves, Allan Clayton Pereira de Almeida, agrediu o repórter cinematográfico Elias Fernandes por duas vezes. O advogado alegou que não autorizava o uso da sua imagem na reportagem e antes de qualquer argumento dos repórteres Amanda Fernandes ou Elias Fernandes, desferiu um tapa na câmera. Segundos depois o advogado tornou a repetir a agressão, as imagens inclusive comprovavam o ato.

De imediato, a equipe levou o caso à Ordem dos Advogados do Brasil/RN e registrou um boletim de ocorrência na Delegacia de Plantão Zona Sul de Natal.

SERGIPE

Cláudio Nunes

Aracaju – 28 de abril

O jornalista Cláudio Nunes sofreu ataques de cunho homofóbico e depreciativo por parte do deputado estadual Augusto Bezerra, na rede social Twitter.

No microblog, Cláudio Nunes se referiu a um “Político (que) anunciou que vai a PF denunciar contratos (...)”, com o complemento “Pelos processos que tem corre o risco de ficar por lá. A quem servir a carapuça que a vista”. De pronto, o deputado associou a mensagem à sua pessoa e respondeu com a frase “Dizem q vc e VIADO e eu nunca lhe destrarei e sempre lhe respeitei”. Para justificar tão rasteira e homofóbica posição, Augusto Bezerra alegou ter sido chamado de ladrão pelo jornalista. Mas não existia postagem de Nunes no Twitter ou em seu blog com tal afirmativa.

TOCANTINS

Wesley Silas

Palmas – 9 de dezembro

O deputado Laurez Moreira indignou-se com a matéria publicada no dia 9 de dezembro, no Portal Atitude que repercutiu uma denúncia veiculada na rádio Gurupi FM 95 e aos berros no telefone insultou o editor do Portal Atitude, Wesley Silas.

Apesar de ser ouvido pelo veículo de comunicação sobre uma denúncia envolvendo o Instituto Juarez Moreira, o deputado Laurez Moreira ao ler a matéria ligou para o editor com xingamentos e ameaças. Tudo isso aconteceu depois de o deputado ter tentado assediar por várias vezes o autor da reportagem, Wesley Silas, para não publicar a matéria, pois poderia prejudicar seu projeto de ser prefeito de Gurupi.

Não é a primeira vez que o deputado tem este comportamento. No dia 9 de maio, depois de uma entrevista, ao sair no portão do seu escritório, o deputado afirmou sua intenção de ser prefeito de Gurupi e completou, ironicamente, afirmando que poderia utilizar do mandato de prefeito para prejudicar o Portal Atitude e o seu jornalista responsável, Wesley Silas.

Apesar de ser ouvido pelo veículo de comunicação sobre uma denúncia envolvendo o Instituto Juarez Moreira, o deputado Laurez Moreira ao ler a matéria ligou para o editor com xingamentos e ameaças. Tudo isso aconteceu depois de o deputado ter tentado assediar por várias vezes o autor da reportagem, Wesley Silas, para não publicar a matéria, pois poderia prejudicar seu projeto de ser prefeito de Gurupi.

Não é a primeira vez que o deputado tem este comportamento. No dia 9 de maio, depois de uma entrevista, ao sair no portão do seu escritório, o deputado afirmou sua intenção de ser prefeito de Gurupi e completou, ironicamente, afirmando que poderia utilizar do mandato de prefeito para prejudicar o Portal Atitude e o seu jornalista responsável, Wesley Silas.

no a Federação Nacional dos Jornalistas cumpre a “dolorosa” missão de publicar os índices da violência praticada contra os jornalistas em nosso país – o Relatório de Violência e Liberdade de Imprensa no Brasil. O presente documento político clama por uma maior atenção e valorização à importância do jornalista e o fortalecimento de políticas públicas aos

profissionais da área em todo o país.

Munidos destas questões, elencamos as seguintes propostas como fundamentais para fortalecer o compromisso público com esta parcela tão importante e, ao mesmo tempo, atualmente tão vulnerável da população, distribuídos em três pontos:

1. Informação/Educação
2. Fortalecimento de políticas públicas de valorização da categoria;
3. Efetivação, mudança e criação da Legislação em nível Municipal, Estadual e Federal; e
4. Fomento aos estudos e pesquisas sobre o tema.

01- A Educação/ informação

Foco principal da política de prevenção da violência contra os jornalistas, necessita de condições adequadas de forma a propiciar resultados favoráveis, principalmente no que atine a prevenção primária da violência. Hoje, não existem instrumentos efetivos e sistemáticos para a qualificação de profissionais de outras áreas para a importância da atividade jornalística. Sendo assim, seria interessante fomentar a realização de oficinas voltadas para a “educação” de profissionais das mais diversas áreas de atuação, sobre as especificidades da atividade jornalística, que é passível de ser realizada por várias instituições governamentais e da sociedade civil.

02 - Fortalecimento de políticas públicas de valorização da categoria

Deste ponto, busca-se a articulação objetivando o fortalecimento da rede, atentos também a necessidade de manter os preceitos e diretrizes da política de valorização do profissional do jornalismo, contrárias à violência: assédio moral, agressões, assassinatos, ameaças, etc. - práticas claramente descritas por excluírem, segregarem e desrespeitarem os direitos humanos dos jornalistas.

03 - Efetivação, mudança e criação

da Legislação em nível Municipal, Estadual e Federal.....

Nota-se que não existe muito interesse político para criar leis voltadas à prevenção de violência contra jornalistas. Precisamos exigir que o Estado deve, a partir desta problemática, agir como co-responsável para punição mais severas dos atores de violência contra os profissionais de jornalismo e, para tanto, faz-se a urgente a criação de leis destinadas a suprir e fortalecer tais práticas. Paralelo a este ponto, faz-se justa e urgente a efetivação da legislação que imponha punições específicas aos crimes contra jornalistas.

04 - Fomento aos estudos e pesquisas sobre o tema

Em um esforço hercúleo, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) tem realizado estudos e pesquisas sobre a violência contra

jornalistas. Porém, ainda é muito tímida a participação dos sindicatos, que precisam se envolver mais nessa luta denunciando todo e qualquer caso de violência cometido contra jornalistas ao email (violenciacontrajornalista@gmail.com) criado especificamente para receber esses casos. Assim há também a grande necessidade de que haja um fomento por parte do Estado no aporte ao trabalho científico, gerando assim resultados em que o mesmo saiba verdadeiramente a especificidade para enfrentar a problemática com o mínimo de subsídios científicos.

Desta feita, deflui-se da análise exposta, que medidas técnicas são necessárias para conduzir a política pública voltada à proteção dos jornalistas, especialmente no exercício da profissão. No quadro de violência que apresentamos é necessário que os governos sejam levados a repensar seus papéis, assim como investir prin-

cipalmente em ações duradouras.

A Fenaj tem procurado conduzir o tema de forma efetiva, mas também técnica e embasado no fato social, ou seja, buscando conciliar a atual conjuntura aos anseios dos jornalistas sobre a temática. Findando o presente documento e cientes de nosso papel como instrumento de democracia, clamamos que os poderes constituídos assumam verdadeiramente o seu papel quanto à consecução e efetivação de políticas públicas voltadas a essa causa, para que, possamos no ano que vem, apresentar uma queda considerável no número de casos de violência praticados contra jornalistas em nosso país.

Diga Não à violência contra jornalistas.

Denuncie aqui! Ou pelo email violenciacontrajornalista@gmail.com

2 - AMEAÇAS

ALAGOAS

Niviane Rodrigues

Maceió – Setembro

A jornalista Niviane Rodrigues, da Editoria de Política da Gazeta de Alagoas, foi intimidada pelos deputados Temóteo Correia e João Beltrão no Plenário da Assembleia Legislativa de Alagoas. O motivo foi uma matéria em que a jornalista se limitou a narrar o que se passou na sessão da AL no dia anterior, reproduzindo discursos dos próprios parlamentares.

Thiago Correia e Ricardo Mota

Maceió - Setembro

Os jornalistas Thiago Correia e Ricardo Mota, do Pajuçara Sistema de Comunicação denunciaram que estavam sendo ameaçados em função de reportagem e análises políticas feitas nos últimos dias. Thiago Correia soube

de fonte fidedigna que uma emboscada estava sendo preparada contra ele por ter feito uma matéria que denunciava um esquema de venda de falsas licenças-maternidade. Já Ricardo Mota tomou conhecimento que estava sendo seguido, filmado e acompanhado, segundo ele, por ordem de uma personalidade da política local, conhecida da Polícia Federal, do Ministério Público e da Justiça.

DISTRITO FEDERAL

Cláudio Dantas Sequeira

Brasília- 10 de dezembro

O jornalista Cláudio Dantas Sequeira, da Revista Isto é recebeu ameaças e insinuações, atribuídas a Ailton de Queiroz na reportagem publicada no dia 10 de dezembro, sobre aumento patrimonial de familiares do governador Agnelo Queiroz.

GOIÁS

Equipe de jornalistas

Goiânia – 18 de março

A equipe da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural da Universidade Federal de Goiás (TV UFG), composta por jornalista, cinegrafista e auxiliar de cinegrafia, ao montar os equipamentos para iniciar uma gravação na Praça Cívica, foi interceptada por um policial militar que solicitou autorização para filmagem no local. Além de insistir na autorização, o PM intimidou a repórter encaminhando-a para uma sala localizada dentro do Palácio Pedro Ludovico Teixeira. Quando a jornalista chegou na sala percebeu que estava sozinha em meio a vários outros policiais. Dentro do recinto, o policial que abordou a equipe questionou a formação profissional da repórter e afirmou que a ela ainda era estudante. Também perguntou o

conteúdo da matéria que estava sendo produzida, dizendo que precisava saber se estava “falando mal do governo”. Mesmo explicando que era jornalista formada, contratada da TV UFG, que estava gravando em local público, com uma equipe e equipamentos identificados, a jornalista foi constrangida pelo policial militar. Ele insistiu em avisar que para a TV UFG registrar imagens na Praça Cívica, é necessário informar sobre o conteúdo da gravação aos policiais e ainda solicitar autorização.

Redação do Jornal O Popular

2 de Março

Um comboio com oito carros da Ronda Ostensiva Tático Metropolitana (Rotam), da Polícia Militar do Estado de Goiás, foi à sede do Jornal O Popular, em Goiânia, no dia 2 de março, para intimidar os jornalistas da redação. Ao entrar na rua do jornal, as sirenes e os giroflex dos carros pretos foram ligados e eles percorreram toda a quadra em baixa velocidade. Cada veículo era ocupado por quatro policiais militares (PMs), totalizando 32 PMs fardados.

No mesmo dia, o POPULAR havia publicado, com exclusividade, reportagem mostrando um dos inquéritos da Operação Sexto Mandamento com trechos de gravações feitas pela Polícia Federal (PF) que comprometem autoridades e os PMs envolvidos, presos e investigados. Em um trecho da gravação, o tenente-coronel Ricardo diz que os membros da Rotam são “os assassinos da PM” e que alguns tomam remédios “para deixar o cara acelerado”.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Goiás, em conjunto com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) divulgou nota no mesmo dia do ocorrido, na qual afirmou tratar-se “de uma clara ação que atenta contra o princípio maior da liberdade de imprensa”, e que, “ao circular de forma ostensiva em torno do prédio-sede da OJC, os policiais agiram de forma claramente intimidatória para com os jornalistas que ali trabalham e que vêm desenvolvendo um importante traba-

lho de divulgação de lamentáveis fatos que envolvem alguns elementos da PM goiana”. Na nota, cobraram apuração rápida e transparente do caso.

Alem disto o presidente do Sindicato foi até a empresa e conversou com diversos jornalistas para apurar o ocorrido e ainda encaminhou ofício ao governador do estado cobrando providências enérgicas. No outro dia o comandante da Rotam foi afastado e a tropa aquartelada, assim permanecendo por mais de 60 dias até reformulação de sua atuação.

MARANHÃO

Jotônio Moreira Viana

Caxias – 8 de fevereiro

O jornalista e correspondente do Jornal Pequeno, Jotônio Moreira Viana, foi ameaçado de morte pelo ex-prefeito de Caxias e ex-deputado federal, Paulo Marinho. Jotônio mantém a coluna diária “Caxias em Off” no jornal, abordando sobre os fatos políticos e gerais de Caxias. A ameaça de morte foi formalizada por meio de um artigo intitulado “Cavando a própria sepultura”, postado por Paulo Marinho em seu blog, no Portal do Maranhão. De acordo com o Sindicato dos Jornalistas profissionais de São Luís (SJPSL), no material produzido e editado por Paulo Marinho, é possível constatar a ameaça como se fosse uma “fábula trágica”.

Ao tomar conhecimento do artigo publicado no dia 6 de fevereiro, Jotônio respondeu com o artigo “Ameaça de morte” publicado em sua coluna “Caxias em Off”, no dia 8 de fevereiro, dizendo que foi surpreendido pela ameaça e que o texto de Paulo Marinho “é uma espécie de carta seguro, no qual prepara o cenário em que eu poderia ser morto”. Jotônio fez boletim de ocorrência e recebeu orientação do Sindicato.

PARÁ

Lúcio Flávio Pinto

Belém - 10 de dezembro

O jornalista Lúcio Flávio Pinto foi ameaçado pelo empresário Rodrigo Chaves, dono da empresa Progec, que cedeu notas fiscais frias para os irmãos Rômulo Maiorana Júnior e Ronaldo Maiorana, responsáveis pelo projeto para implantar em Belém uma indústria de sucos regionais no valor atualizado de sete milhões de reais, o qual foi aprovado pela Sudam em 1995.

A ameaça foi feita pelo empresário na saída de um restaurante da cidade. Lúcio Flávio cumprimentou o empresário mesmo sem reconhecê-lo, ouvindo uma resposta agressiva: “Vais ver o que fizeste contra mim no teu jornal”. Lúcio perguntou “o quê?” e ele respondeu “Da próxima vez eu vou te bater, tu vai ver”. Só aí o jornalista percebeu de quem se tratava. Apertando um copo de refrigerante na mão, o empresário chamou o jornalista de palhaço enquanto Lúcio saía do restaurante. Ao deixar o restaurante, Lúcio Flávio foi diretamente à Seccionl da Polícia Civil fazer um boletim de ocorrência para registrar a ameaça de agressão física.

Ruy Sposati – Altamira

12 de dezembro

O jornalista Ruy Sposati, que trabalha para o movimento “Xingu Vivo para Sempre”, sofreu ameaças de morte ao acompanhar, no dia 12 de dezembro, a demissão de 80 trabalhadores do Consórcio Construtor de Belo Monte (CCBM), na rodovia Transamazônica, em Altamira (PA).

No depoimento colhido pelo procurador Bruno Gütshow, do Ministério Público Federal (MPF) do Pará, um dos homens chamou o jornalista de “vagabundo”, e o outro o ameaçou de morte várias vezes.

O primeiro homem afirmou que a polícia não poderia ser fotografada e tentou tomar o equipamento, o que foi impedido pelos trabalhadores. Os policiais presentes não interferiram, mesmo sendo interpelados pelo jornalista. As ameaças ocorreram assim que o jornalista chegou no local, após ser avisado por trabalhadores que policiais

militares estavam escoltando trabalhadores do canteiro de obras da usina de Belo Monte para serem demitidos no escritório do consórcio.

Segundo Sposati, um homem em uma caminhonete prata, o abordou com agressividade, usando termos como “vagabundo” e “baderneiro”. “Eu vou te matar é agora mesmo”, disse ao repórter.

O jornalista não conseguiu registrar boletim de ocorrência na Polícia Civil, mas fez a denúncia à Procuradoria da República em Altamira, que encaminhou o caso para o Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Estadual e para o Corregedor da Polícia Militar no Pará. No depoimento, o jornalista disse que a caminhonete prateada, de placas JUV-2118 foi identificada como de propriedade da PM.

SÃO PAULO

Wady Hadad Neto

Boituva – 31 de outubro

O jornalista Wady Hadad Neto foi intimidado por divulgar denúncias contra a administração municipal de Boituva. O jornalista desvendou dentro da administração, diversos de fatos com provas e denúncias sérias contra o alto escalão da Prefeitura, por isso estava sendo perseguido, intimidado pela própria polícia.

3. ASSASSINATOS

AMAZONAS

Vanderlei Canuto Leandro

Tabatinga – 01 de setembro

O jornalista, radialista e apresentador do programa Señal Verde, da Rádio Fronteira, Vanderlei Canuto Leandro, foi assassinado a uma quadra de sua casa por pessoas não identificadas que estavam em uma moto. De acordo com a imprensa local, os assassinos dispararam ao menos oito vezes contra a vítima.

Cloves Ferreira

Osasco – novembro

O jornalista Cloves Ferreira de Oliveira recebeu uma carta com ameaças, que foi deixada na sede do Jornal “O Diário de Osasco”.

Cloves encaminhou a carta a todos os seus amigos, para que diante dos fatos, caso acontecesse algo com sua integridade física, alguém pudesse tomar as devidas providências de se fazer justiça! “Chega de jornalista morto em nosso País ... Correto?”, desabafou em e-mail para Segurança Pública de São Paulo.

Redação de jornais

Limeira – janeiro

Os jornalistas do Jornal de Limeira, da Gazeta de Limeira e da TV Jornal estavam sendo intimidados por meio de correspondências eletrônicas anônimas após cobertura de denúncias contra familiares do prefeito Silvio Félix e sobre os trabalhos da Comissão Processante da Câmara Municipal. As mensagens, vindas de provedores de acesso à internet desconhecidos e do exterior, foram enviadas após a operação do MP deflagrada em 24 de novembro, quando a esposa, filhos, parentes e outras pessoas próximas a Félix foram presas. Eles estavam sendo investigados por suposto enriquecimento ilícito.

O Sindicato dos Jornalistas Profis-

sionais no Estado de São Paulo e Fenaj enviaram ofício, no dia 20 de janeiro, para o Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gae-co), de Piracicaba, solicitando acompanhamento das investigações sobre as ameaças que os profissionais de Limeira vinham sofrendo.

TOCANTINS

Roberta Tum

Palmas – 7 de fevereiro

O deputado Stálin Bucar fez ameaças à jornalista Roberta Tum, diretora do Portal Robert Tum, durante discurso no dia 7 de fevereiro, após publicação de matérias sobre a Operação Inconfidente, que citam o seu filho Stálin Júnior entre os investigados. Durante o discurso, Stálin Bucar teria partido para ataques pessoais à Roberta Tum ao afirmar que a jornalista não poderia jamais sentir “a dor de uma mãe quando vê um filho ser caluniado, difamado”, pois “não é mãe, nem nunca poderá ser porque não tem namorado, tem namorada”.

Ainda durante o discurso, o deputado criticou o fato de o Site Roberta Tum citar seu filho entre os investigados da Operação Inconfidente, pois, segundo ele, isso só poderia ser feito após o término do inquérito. “Ela está procurando um resultado para ela mesma, e podem ter certeza, ela vai encontrar”, disse Bucar.

A Rádio Fronteira está localizada na ilha de Santa Rosa, no lado peruano da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. A emissora transmite em português e em espanhol.

Segundo informações da imprensa, em maio de 2011, Canuto havia apresentado uma denúncia ao Ministério Público de que o prefeito de Tabatinga, Samuel Benerguy, o havia ameaçado de morte por suas notícias sobre corrupção no município. No Blog da

Floresta, produzido pelos jornalistas Orlando Farias e Mário Dantas, o prefeito negou qualquer vínculo com o crime e também negou ter ameaçado Canuto. O prefeito disse, ainda que lamentava a morte do jornalista e desejava que o crime fosse elucidado. **fosse elucidado.**

Laércio de Souza

Camaçari – dezembro

O radialista Laércio de Souza, da Rádio Sucesso, de Camaçari, foi assassinado a tiros por um adolescente de 16 anos,

que confessou o crime. Segundo seu depoimento, ele planejou matar Souza depois que o jornalista o denunciou à Polícia Militar por delitos na região onde morava o comunicador. O adolescente também indicou o coautor do crime e o lugar onde estava a arma do crime. Amigos e familiares do radialista, que era pré-candidato a vereador em Simões Filho, contaram que ele vinha sofrendo ameaças de traficantes por causa de suas ações sociais, como distribuição de cestas básicas aos carentes.

MATO GROSSO

Auro Ida

Cuiabá – 22 de julho

O jornalista da área de Política, Auro Ida, foi assassinado no dia 22 de julho. O Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso (Sindjor-MT) manifestou apoio à família e pediu investigação rigorosa às autoridades competentes para que o crime fosse esclarecido. Após provocação do Sindjor-MT e OAB-MT, a Polícia Federal se dispôs a contribuir com as in-

vestigações da Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp).

PERNAMBUCO

Luciano Leitão Pedrosa

Vitória de Santo Antão – 09 de abril

O radialista e apresentador da TV Vitória, Luciano Leitão Pedrosa, foi assassinado supostamente em virtude de denúncias feitas em seu programa. O SinjoPE e a Fenaj se uniram ao Sindicato dos Radialistas de Pernambuco e às organizações de defesa dos direitos humanos para exigir a rigorosa apuração dos fatos com a punição dos envolvidos no crime..

RIO DE JANEIRO

Gelson Domingos

Rio de Janeiro – 6 de novembro

O jornalista Gelson Domingos, repórter cinematográfico da TV Bandeirantes morreu no dia 6 de novembro, quando cobria um conflito entre traficantes e policiais na favela de Antares, no Rio de Janeiro.

Gelson morreu com um tiro no peito, que perfurou seu colete à prova de balas, quando fazia imagens de uma operação do Batalhão de Operações Especiais (Bope) na favela de Antares.

Segundo relatos de colegas, além da função de repórter cinematográfico, o profissional era obrigado também a dirigir o veículo da empresa, o que contrariava normas de segurança na cobertura jornalística de áreas de risco. E era contratado como “operador de câmera”, recurso utilizado por muitas empresas de televisão para burlar a regulamentação profissional dos jornalistas, registrar os profissionais indevidamente e, assim, pagar salários mais baixos. Além disso, segundo declaração de outro profissional que acompanhou Gelson até a Unidade de Pronto Atendimento, onde já chegou morto, os coletes disponibilizados aos profissionais de imprensa são de qualidade questionável.

Foi a primeira vez que um jornalista morreu vítima de tiroteio durante o exercício de sua profissão nas favelas carioca

4 - ATENTADOS

PARANÁ

RPCTV

Maringá – 28 de agosto

A sede da RPC TV de Maringá (antiga TV Cultura) sofreu um atentado na madrugada do dia 28 de agosto de 2011, quando dois criminosos em uma moto dispararam 15 vezes contra a sede da emissora.

RIO DE JANEIRO

Globocop

Rio de Janeiro – 24 de janeiro

O helicóptero da Tv Globo, Globocop, foi atingido com vários tiros. O Globocop, helicóptero da TV Globo, foi atin-

gido por três tiros, no dia 24 de janeiro, enquanto se preparava para captar imagens de uma operação policial no Morro de São Carlos, zona norte do Rio. As balas atingiram o assoalho, a região central e a cauda da aeronave. O helicóptero foi obrigado a fazer um pouso forçado, mas a repórter Karina Borges e o operador de sistemas Roberto Mello Reis saíram ilesos.

SERGIPE

Amoroso Jorg

Aracaju – 31 de março

O jornalista Amoroso Jorge sofreu um atentado no dia 31 de março a poucos metros da portaria de seu prédio.

Segundo o jornalista, uma pessoa, que estava dentro do carro, atirou contra ele e fugiu após o disparo. O repórter não foi atingido.

Amoroso havia sido ameaçado na semana anterior dentro do Tribunal de Justiça de Sergipe, porém, ele preferiu não apontar nenhum responsável pelo atentado. De acordo com o jornalista, o ex-presidente do Tribunal, Ulices Andrade, recusou-se a usar o mesmo elevador que ele. “Quando perguntei qual era o problema, ele disse que eu tinha passado denúncias contra ele a um radialista e que por isso a história tinha chegado à Polícia Federal. Ele falou: “você vai ver, eu vou te matar””, contou Amoroso.

5 - CENSURA E PROCESSOS JUDICIAIS

GOIÁS

Fernando Fagundes

Goiânia – maio

O jornalista Fernando Fagundes, concursado da Agência Goiana de Comunicação, órgão do Executivo estadual responsável pela Rádio e TV Brasil Central, foi interpelado judicialmente pelo presidente da Agência, José Luiz Bittencourt, por declarações sobre o presidente, feitas em seu blog pessoal. O jornalista alegou que a interpelação tinha objetivos de intimidá-lo por sua postura profissional dentro da Agecom, com críticas à implantação da TBC News. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Goiás atuou junto à Agecom para que o jornalista não sofresse qualquer medida restritiva ao seu trabalho, colocou a assessoria jurídica à disposição do jornalista e se manteve vigilante até o desligamento voluntário do jornalista da Agência.

MINAS GERAIS

Janaína Oliveira

Revista Viver Brasil

Nova Lima - setembro

A juíza Adriana Rabelo, de Nova Lima, proibiu, por meio de liminar, a pedido do prefeito Carlos Roberto Rodrigues, a circulação da edição de número 65 da Revista Viver Brasil editada pela VB Editora e Comunicação Ltda., que trazia matéria sobre irregularidades na administração municipal. As denúncias contra o prefeito partiram do Ministério Público Federal (MPF), Ministério Público do Estado (MPE) e Polícia Federal (PF).

A denúncia da proibição pela Justiça foi feita à Fenaj pela repórter da revista e autora da matéria, Janaína Oliveira.

De acordo com a matéria, as irregularidades incluíam desvio de dinheiro público, dispensa indevida de licitação, nepotismo, superfaturamento de obras e até recebimento de propina. O políti-

co tornou-se alvo de investigação dos mais importantes órgãos de combate à corrupção no país (MPE, MPF e PF).

Houve, inclusive, pedido de afastamento, feito pelos promotores Ivana Andrade, da Promotoria de Defesa do Patrimônio Público de Nova Lima, e Daniel Sá Rodrigues, do Grupo Especial do Patrimônio Público (Gepp), que visava por fim aos desmandos e evitar que, no cargo, o prefeito atrapalhasse as investigações. Todas as informações da matéria tiveram como fontes o MPE; MPF; PF; TRE-MG; Detran-MG. Em seu parecer, a juíza disse que “não obstante o disposto no art. 220 da CR, a divulgação pela imprensa de notícia objeto de investigação ou de processo cuja decisão ainda não transitou em julgado é lícita legítima desde que não ultrapasse os limites da narrativa nem exceda o fim social do informar”. No entanto, para ela, houve abuso de liberdade de imprensa e matéria extrapolou os limites da narrativa, atingindo a honra e a imagem do requerente.

PARÁ

Lúcio Flávio Pinto

Belém – 1º de fevereiro

O juiz Antônio Carlos Almeida Campelo, titular da 4ª Vara Cível Federal, proibiu o jornalista Lúcio Flávio Pinto, responsável pelo Jornal Pessoal de divulgar, sob pena de prisão e multa de R\$ 200 mil, informações relativas ao processo que envolve dois dos proprietários da Organização Rômulo Maiorana (ORM) que edita o jornal O Liberal, Rômulo Maiorana Júnior e Ronaldo Maiorana, além de dois diretores da empresa, João Pojucam de Moraes e Fernando Nascimento, acusados de desviar dinheiro da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) no Pará.

O processo em que os empresários são acusados de crimes contra o sistema financeiro nacional no valor de R\$ 3,3 milhões, não corrigidos, estava

em tramitação desde 2008. Na edição da primeira quinzena de fevereiro do “Jornal Pessoal”, Lúcio Flávio relatou detalhes da audiência realizada dia 1º de fevereiro de 2011.

A justificativa do juiz foi que o processo corria em segredo de Justiça. Lúcio Flávio disse que não sabia que o processo era sigiloso, pois não há essa informação no site da Justiça Federal. Para ele, o segredo de Justiça é incabível nesse caso, por se tratar de questão de alto interesse público. Cinco dias depois, o juiz acabou revogando parcialmente a decisão, mantendo o sigilo “tão-somente quanto aos documentos bancários e fiscais constantes dos autos”. Ou seja, Lúcio Flávio podia escrever sobre o caso, mas não podia mostrar as provas contra os empresários. A revogação parcial da censura aconteceu depois de uma campanha na internet a favor de Lúcio Flávio e da liberdade de expressão.

Luiz Octávio Lucas

Belém- abril

O jornalista Luiz Octávio Lucas, do Jornal O Diário do Pará, denunciou ao Sinjor-PA que a imprensa de modo geral estava enfrentando dificuldades para fazer cobertura esportiva no Paysandu Sport Clube, pois o presidente do Clube, Luiz Omar Pinheiro, além de ofender o trabalho dos jornalistas, por meio da coluna “Palavra do Presidente”, publicada no site do Paysandu, decidiu proibir os jogadores de conceder entrevista à imprensa.

PARANÁ

Luciana Pombo

Pontal do Paraná – fevereiro

A jornalista Luciana Pombo foi censurada pelo prefeito Rudisney Gimenez, do Pontal do Paraná por escrever em seu blog contra alguns atos da administração municipal. A Luciana foi expulsa de um imóvel que pertence a ele, na rua Baronesa do

Cerro Azul, 123, onde ela mantinha um Pet Shop.

Ao Jornal "A Verdade", Luciana disse que não fez nada que achasse realmente ofensivo, apenas citou em seu blog problemas que existem dentro da administração municipal, como lixo nos rios da cidade, falta de credibilidade do prefeito junto aos organismos estaduais e despreocupação com o número de animais abandonados no município.

O prefeito não gostou e resolveu fazer a proposta indecorosa de permanência no imóvel desde que eles não entrassem em atrito. Foi uma tentativa de silenciá-la e censurá-la. Ela não aceitou afirmando que sua liberdade de imprensa nada tem a ver com sua vida comercial. A censura imposta à

jornalista foi levada pelo filho do prefeito Rudisney. A denúncia de censura foi encaminhada oficialmente por Luciana à Fenaj e ao Sindicato dos Jornalistas do Paraná (Sindijor-PR).

RORAIMA

Antonio Sousa

Boa Vista - agosto

O jornalista Antonio Sousa, da Rádio Folha, foi impedido de entrar na Cadeia Pública de Boa Vista, para fazer cobertura da inauguração das salas de atendimento jurídico e psicossocial.

Logo ao chegar ao local, o profissional foi informado pelo guarda da recepção que havia ordem expressa do tenente-coronel Felipe, secretário-adjunto da

Secretaria de Justiça e Cidadania (Sejuc) de que nenhum integrante do Grupo Folha de Comunicação poderia adentrar ao local de realização do evento.

Tão logo foi comunicado do fato, o Sinjoper entrou em contato imediato com a Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado (Secom), que disse ter tomado conhecimento do fato, mas que não existia nenhuma orientação do governador para cercar o trabalho da imprensa e que quem o fez iria responder pelo fato.

O Grupo Folha, por meio de matéria na FolhaWeb, publicou notícia informando que o secretário da Sejuc, coronel Waney Viana, emitiu pedido de desculpas pelo ocorrido, dizendo ter se tratado de um mal entendido.

6. DETENÇÃO E TORTURA



BAHIA

Ederivaldo Benedito

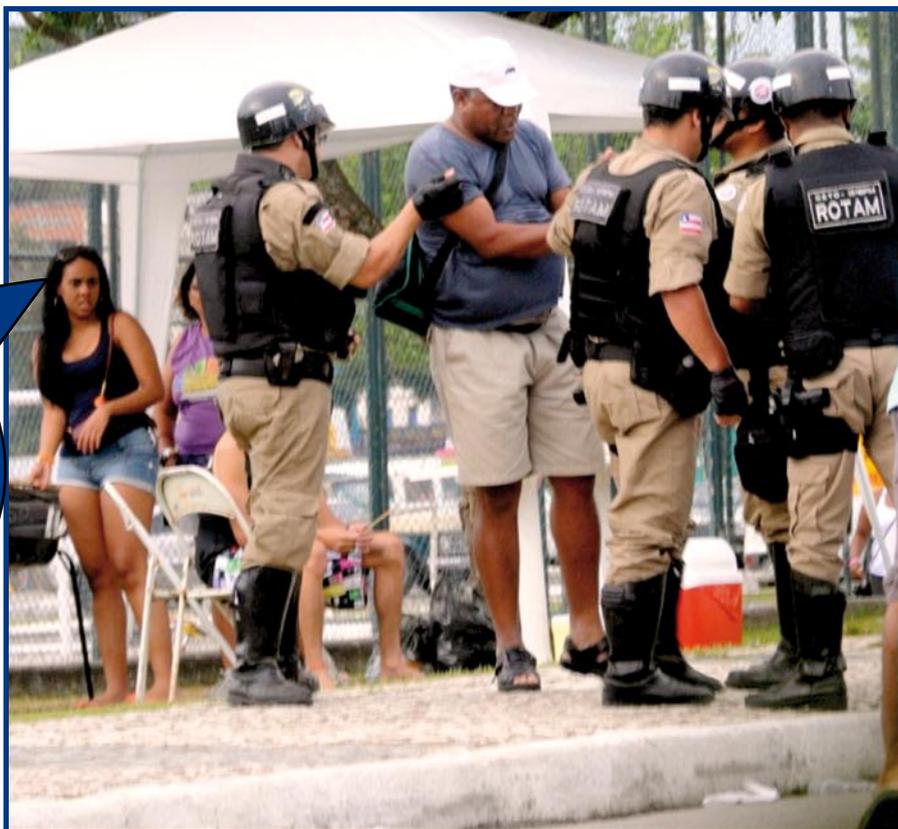
Itabuna – 16 de outubro

O jornalista Ederivaldo Benedito foi

preso por se recusar a deletar fotos de uma abordagem policial a dois jovens no circuito da 8ª Parada Gay. Benedito estava fotografando a abordagem a uma distância de aproximadamente

cinco metros, quando foi interpelado. O repórter se negou, inicialmente, a apagar as fotos. E os policiais exigiram que Benedito entregasse o equipamento fotográfico, e o jornalista novamente se

Benedito ficou por alguns instantes na Companhia, enquanto a Polícia mandava uma viatura para encaminhá-lo, no camburão, para o Complexo Policial.



recusou.

Policiais detiveram o jornalista por suposta resistência à prisão, fato que ele nega. Os policiais militares o imobilizaram e, logo em seguida, algemaram-no, e o encaminharam para a Companhia Independente da PM, no Conceição. O jornalista não resistiu à prisão.

Benedito ficou por alguns instantes na Companhia, enquanto a Polícia mandava uma viatura para encaminhá-lo, no camburão, para o Complexo Policial.

Imagens captadas pelo fotógrafo profissional Pedro Augusto, as quais o Blog Pimenta Na Muqueca Itabuna teve acesso – mostram o exato momento em que os policiais liberam os jovens e partem para cima do jornalista. “Apaga”, esta foi a ordem dada pelo policial que comandava o pelotão.

DISTRITO FEDERAL

Corban Costa e Gilvan Rocha

Brasília

Os jornalistas Corban Costa, da Rádio

Nacional, e Gilvan Rocha, da TV Brasil, tiveram seus equipamentos apreendidos e foram vendados e presos por 18 horas, enquanto faziam a cobertura das manifestações contra o ex-presidente Hosni Mubarak. Além dos profissionais da EBC, um editor do Zero Hora foi agredido por manifestantes; e jornalistas da Folha, O Globo e Estadão tiveram seus quartos invadidos por autoridades egípcias em busca de imagens do conflito.

PARÁ

Guilherme Mendes

Belém – 12 de abril

O jornalista Guilherme Mendes, repórter da TV Liberal, foi conduzido à delegacia por policiais militares, durante cobertura jornalística de situação precária de uma Unidade de Saúde no município de Acará, no Nordeste do Pará. Ele havia entrado na Unidade sem se identificar como jornalista e com uma câmera escondida, captou várias imagens da situação denunciada pela

comunidade. Quando uma funcionária o reconheceu, chamou a diretora Simone Almeida, que chegou ao local acompanhada por três policiais militares e ordenou que prendessem o repórter. Um dos policiais estava com algema na mão e só não usou porque o repórter se identificou. No entanto, juntamente com o cinegrafista e o auxiliar, foi conduzido à Delegacia, onde já havia uma multidão protestando contra o episódio. Os policiais nem desceram da viatura e foram embora e o delegado não apareceu. Depois de receber ligações, a diretora desistiu de fazer o boletim de ocorrência e se dispôs a abrir as portas da Unidade.

O jornalista ressaltou que em nenhum momento os policiais foram agressivos. Sua indignação com o que aconteceu “fica exclusivamente quanto ao comportamento da polícia em obedecer a uma ordem direta de uma pessoa ligada à Prefeitura, ela que por sua vez tentou impedir o trabalho da imprensa usando a força policial”.

7- VIOLÊNCIA CONTRA A ORGANIZAÇÃO SINDICAL

ALAGOAS

Flavio Miguel de Oliveira Peixoto

Em dezembro de 2011, o vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas (Sindjornal); Flavio Miguel de Oliveira Peixoto, foi demitido do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas (Sintufal), onde exercia o cargo de assessor de imprensa. Ele foi reintegrado em menos de 48 horas por decisão da Justiça do Trabalho.

AMAPÁ

Volney Oliveira

No Amapá, os jornalistas sindicalistas também enfrentam problemas. O presidente do Sindicato dos Jornalistas do Amapá (Sindjor), Volney Oliveria já foi vítima de perseguição e demissão em função da atividade sindical, o que foi reparado pela Justiça do Trabalho. Lá eles ainda sofrem com outros problemas como a não liberação de diretores para representar a entidade em eventos, troca de horário de trabalho, desconto no salário quando é preciso faltar para representar a entidade, não liberação para participar de congressos, suspensão por faltar ao trabalho devido a atividade sindical, entre outros.

ESPÍRITO SANTO

Francisco Pereira Ladislau Filho (Chico Pardal)

Espírito Santo

O diretor de assuntos Jurídicos do Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo e repórter da Editoria de Esportes do Jornal A Gazeta, Chico Pardal, vem sofrendo prática denominada de assé-

dio moral. Essa história se arrasta desde 2004, em razão da movimentação do Sindicato para instalação do cartão de ponto nas redações, fim da sobrejornada e não pagamento de horas extras. Como retaliação, o jornalista não recebeu os pagamentos atrasados retroativos às horas extras cumpridas, enquanto os demais profissionais receberam, o que motivou uma ação jurídica.

Por fim, desde 2011, apesar de lotado na editoria de esportes do Jornal, oficialmente consta em seu contracheque, constantemente vem sendo deslocado para outros setores onde não tem mesa, computador, telefone e muito menos pauta de trabalho. Isto também está sendo passível de ação jurídica.

PARÁ

Sheila Faro

Belém dezembro

No último dia 22 de dezembro, num ato que remete aos anos de chumbo no Brasil, os interventores da OAB Nacional na OAB-PA extinguiram o setor de Assessoria de Comunicação do órgão, o que culminou com a demissão de uma repórter fotográfica e a dispensa de estagiárias. Concomitantemente a essa decisão, foi anunciada a redução do salário de Sheila Faro – presidente do Sindicato dos Jornalistas no Estado do Pará, o que para a Diretoria Plena do Sindicato dos Jornalistas do Pará representou fortes indícios de perseguição política uma vez que Sheila Faro foi contratada para trabalhar na OAB-PA pela diretoria afastada da Ordem, encabeçada por Jarbas Vasconcelos.

A iniciativa acintosa dos interventores da ordem, que ao assumirem a insti-

tuição prometeram não perseguir e muito menos, demitir ninguém, vai de encontro ao histórico da referida entidade, que sempre defendeu o Estado Democrático de Direito, a luta de outras categorias profissionais e as liberdades individuais.

PARAÍBA

Land Seixas e Josinaldo Freitas

João Pessoa – novembro

No dia 14 de novembro, durante visita à redação do jornal O Norte, pertencente ao Condomínio dos Diários Associados, os diretores Land Seixas e Josinaldo Freitas do Sindicato dos Jornalistas da Paraíba, foram ameaçados de expulsão pelo segurança ou até pela polícia, caso fosse necessário, o que causou grande constrangimento aos dirigentes sindicais. A ordem partiu da administradora Rosaura Ferraz.

Os dirigentes sindicais visitavam a redação para convocar os jornalistas dos Diários Associados a participar do ato público a ser realizado no dia 19 de novembro, às 9h, na frente da empresa, situada na Av. D. Pedro II. O evento seria mais uma ação do Sindicato dos Jornalistas para convencer o Condomínio dos Diários Associados a repor as perdas salariais dos profissionais dos seus quadros. Ela era a única empresa de comunicação da Paraíba que não havia repassado, ainda, as perdas salariais referentes à campanha salarial 2011/12. A truculência praticada pelos Diários Associados, no entanto, não intimidou a legítima atividade sindical que promove a elevação profissional dos jornalistas paraibanos.

Mais um ano a Federação Nacional dos Jornalistas cumpre a “dolorosa” missão de publicar os índices da violência praticada contra os jornalistas em nosso país – o Relatório de Violência e Liberdade de Imprensa no Brasil. O presente documento político clama por uma maior atenção e valorização à importância do jornalista e o fortalecimento de políticas públicas aos profissionais da área em todo o país.

Munidos destas questões, elencamos as seguintes propostas como fundamentais para fortalecer o compromisso público com esta parcela tão importante e, ao mesmo tempo, atualmente tão vulnerável da população, distribuídos em três pontos:

1. Informação/Educação

2. Fortalecimento de políticas públicas de valorização da categoria;

3. Efetivação, mudança e criação da Legislação em nível Municipal, Estadual e Federal; e

4. Fomento aos estudos e pesquisas sobre o tema.

01- A Educação/ informação

Foco principal da política de prevenção da violência contra os jornalistas, necessita de condições adequadas de forma a propiciar resultados favoráveis, principalmente no que atine a prevenção primária da violência. Hoje, não existem instrumentos efetivos e sistemáticos para a qualificação de profissionais de outras áreas para a importância da atividade jornalística. Sendo assim, seria interessante fomentar a realização de oficinas voltadas para a “educação” de profissionais das mais diversas áreas de atuação, sobre as especificidades da atividade jornalística, que é passível de ser realizada por várias instituições governamentais e da sociedade civil.

02- Fortalecimento de políticas públicas de valorização da categoria

Deste ponto, busca-se a articulação objetivando o fortalecimento da rede, atentos também a necessidade de manter os preceitos e diretrizes da política de valorização do profissional do jornalismo, contrárias à violência: assédio moral, agressões, assassinatos, ameaças, etc. - práticas claramente descritas por excluir, segregarem e desrespeitarem os direitos humanos dos jornalistas.

03 - Efetivação, mudança e criação da Legislação em nível Municipal, Estadual e Federal

Nota-se que não existe muito interesse político para criar leis voltadas à prevenção de violência contra jornalistas. Precisamos exigir que o Estado deve, a partir desta problemática, agir como co-responsável para punição mais severas dos atores de violência contra os profissionais de jornalismo e, para tanto, faz-se a urgente a criação de leis destinadas a suprir e fortalecer tais práticas. Paralelo a este ponto, faz-se justa e urgente a efetivação da legislação que imponha punições específicas aos crimes contra jornalistas.

04- Fomento aos estudos e pesquisas sobre o tema

Em um esforço hercúleo, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) tem realizado estudos e pesquisas sobre a violência contra jornalistas. Porém, ainda é muito tímida a participação da categoria, que precisam se envolver mais nessa luta denunciando todo e qualquer caso de violência cometido contra jornalistas. Assim há também a grande necessidade de que haja um fomento por parte do Estado no aporte ao trabalho científico, gerando assim resultados em que o mesmo

saiba verdadeiramente a especificidade para enfrentar a problemática com o mínimo de subsídios científicos.

Desta feita, defluiu-se da análise exposta, que medidas técnicas são necessárias para conduzir a política pública voltada à proteção dos jornalistas, especialmente no exercício da profissão. No quadro de violência que apresentamos é necessário que os governos sejam levados a repensar seus papéis, assim como investir principalmente em ações duradouras.

A Fenaj tem procurado conduzir o tema de forma efetiva, mas também técnica e embasado no fato social, ou seja, buscando conciliar a atual conjuntura aos anseios dos jornalistas sobre a temática. Findando o presente documento e cientes de nosso papel como instrumento de democracia, clamamos que os poderes constituídos assumam verdadeiramente o seu papel quanto à consecução e efetivação de políticas públicas voltadas a essa causa, para que, possamos no ano que vem, apresentar uma queda considerável no número de casos de violência praticados contra jornalistas em nosso país.

Diga Não à violência contra jornalistas.

DIGA NÃO À VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS.

Denuncie aqui! Ou pelo email violenciacontrajornalista@gmail.com

